

# Degelo salva Amsterdam

Kees Floor

**Uma pesquisa contemporânea, realizada sobre um fato histórico acontecido em 1672 – ano calamitoso para a Europa Ocidental – representa uma aplicação brilhante de enfadonhos dados climatológicos a uma realidade pretérita. A historiadora finlandesa Lindgrén e o meteorologista Neumann, da Universidade de Jerusalém, comentam a pesquisa que fizeram sobre a invasão francesa ocorrida naquele ano nos Países Baixos, em número do ‘Bulletin of the American Meteorological Society’, uma revista para especialistas. Esta pesquisa faz parte de uma série sobre importantes acontecimentos históricos, tendo o clima como fio condutor. Além de consultar as fontes históricas usuais, os pesquisadores voltaram seu interesse para as descrições contemporâneas do tempo.**

A histórica se desenrola no Século de Ouro dos Países Baixos quando a República das Províncias Unidas foi a maior potência econômica do mundo. A prosperidade neerlandesa era uma pedra no sapato do Rei Sol francês, Louis XIV. Em 1668 a França promulgou medidas alfandegárias que prejudicavam os interesses neerlandeses. Cresceu a tensão entre o reino e a república. As medidas defensivas adotadas pelas Províncias Unidas foram pretexto suficiente para a França iniciar a invasão.

## Seca

Os aspectos meteorológicos revestiram-se de grande importância no decurso da luta. Segundo a análise dos pesquisadores citados, a primavera de 1672 na Europa Ocidental foi excepcionalmente seca. Esta longa estiagem colocou a República das Províncias Unidas em posição desvantajosa. Com águas de rios e canais em níveis excepcionalmente baixos, as tropas inimigas não encontraram dificuldades para cruzar as linhas de defesa.

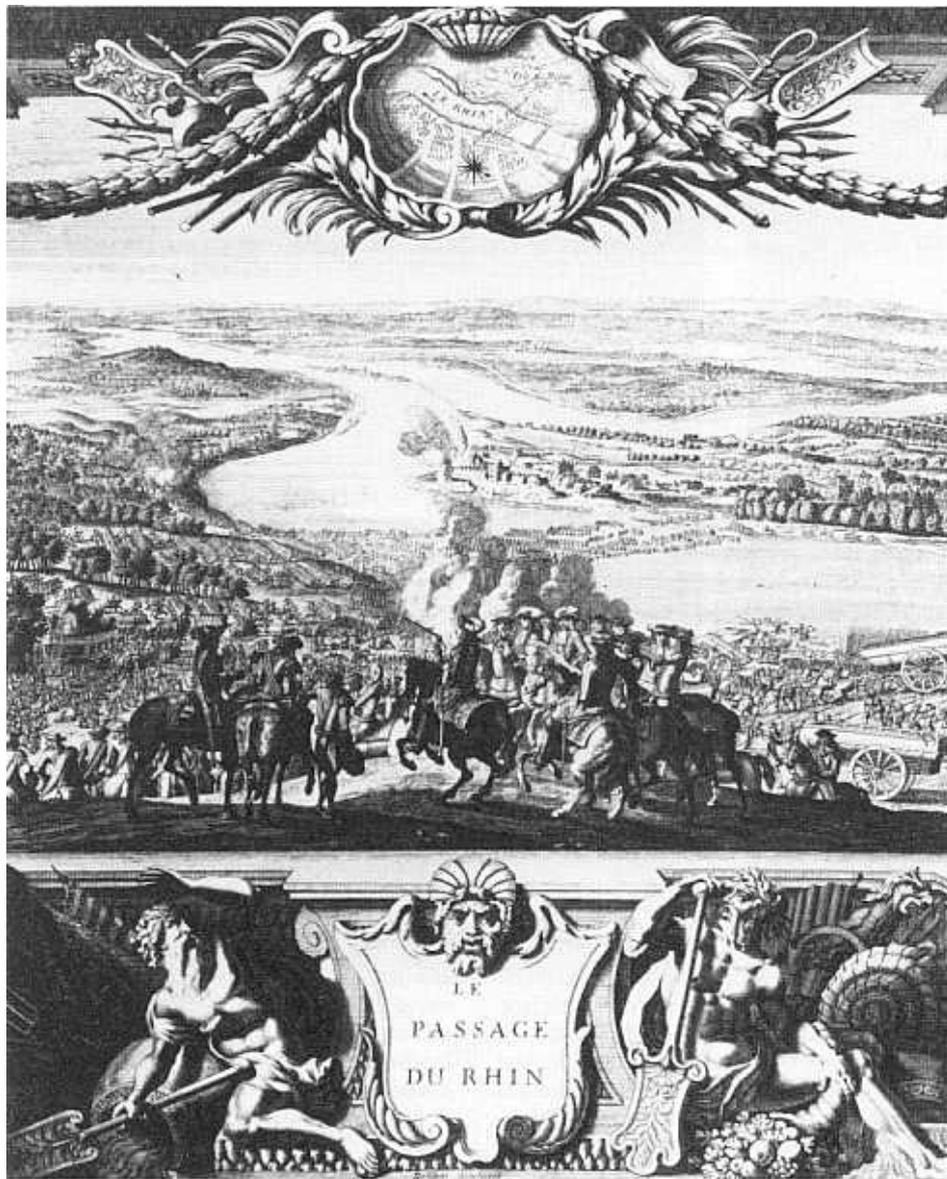
No início de junho de 1672, quando a invasão já estava em andamento, havia cerca de 100 pontos no rio IJssel onde a cavalaria podia atravessar a vau. A seca constituiu igualmente uma ameaça para o transporte de mercadorias, realizado em sua maior parte por via aquática. É provável que o período de seca tenha durado sem interrupção até meados de julho. Em abril de 1672 a França já havia declarado guerra à República das Províncias Unidas dos Países Baixos. Em maio foi encetada a marcha das tropas francesas que a 12 de junho cruzaram o rio Reno. Somado às tropas do bispado de Münster que vieram do lado oriental e lutaram ao lado dos franceses, o exército invasor dispunha de 150 mil homens, uma força dez vezes superior à dos neerlandeses. As cidades junto à linha defensiva do rio IJs-

sel, como Deventer, Arnhem e Nijmegen, caíram a curtos intervalos em mãos das tropas invasoras. Por vezes houve resistência. Os antepassados dos atuais neerlandeses temiam tanto um cerco quanto um morticínio; por outro lado os franceses obtinham êxito com subornos ou ação de colaboracionistas.

Logo após a declaração de guerra, em abril, iniciou-se na república uma discussão sobre se a barreira defensiva de águas deveria ser acionada já que obtivera tanto êxito na Guerra dos Oitenta Anos (que libertou os Países Baixos, da Espanha). Os Estados Gerais instituíram uma Comissão de Pesquisa cujo relatório (em torno de 1º de junho) recomendava, entre outras, a inundação da circunvizinhança de Amsterdam. Em 11 de junho os amsterdameses ainda não se mostravam propensos a adotar a medida proposta. Porém um dia depois, quando a travessia do Reno pelos franceses se tornou conhecida, as opiniões mudaram. Em 23 de junho já havia água suficiente para evitar o avanço das tropas francesas até Amsterdam.

Não foram somente os habitantes de Amsterdam que se opuseram à inundação das terras; a maior resistência partiu dos agricultores, tementes de que seus campos se tornassem improdutivos sob a água salgada. Alguns fechavam as brechas nos diques; outros usaram as armas, que haviam recebido para combater os franceses, contra os encarregados de criar a linha aquática defensiva. Os Stadhouder Willem III chegou a ameaçá-los de morte para acabar com esta resistência impatriótica.

Nesse ínterim o avanço francês prosseguia. A 3 de julho caía a cidade de Utrecht, colocando as tropas inimigas a 35 quilômetros de distância de Amsterdam porém a linha aquática defensiva constituía um ‘fosso urbano’ com quilômetros de largura – proteção suficiente para a cidade. Após a República das Províncias Unidas ter recusado as suas exigências para a paz, Luís XIV decidiu suspender as atividades militares até o inverno quando o gelo tornaria rapidamente inútil aquele cinturão protetor.



### Den Bosch

Entretentes o Rei fez recuar parte de suas tropas para a França. No caminho de volta, pouco antes do final do período de seca, ainda ocupou a cidade de Den Bosch. Mas as condições climatológicas se voltaram temporariamente contra o exército invasor: logo após a rendição desta última, chuvas persistentes transformaram seus arredores em um pantanal e os franceses preferiram abandoná-la.

O gelo naquele ano não se fez esperar muito. Em 13 de dezembro aqui e ali já era suficientemente espesso para permitir a passagem da cavalaria. A tropa francesa entretanto não se achava ainda pronta para a segunda investida. Os preparativos militares tomaram tanto tempo que a marcha sobre o gelo de 9 mil soldados e 2 mil cavaleiros só pôde ser realizada em 27 de dezembro.

Naquele ocasião o tempo novamente favoreceu os neerlandeses. Um dia, o vento virou de oeste para leste dando início

ao degelo, acrescido de chuvas. As consequências foram desastrosas para o exército invasor. A posição francesa tornou-se insustentável e veio a ordem de recuar. No caminho, inúmeros soldados se afogaram; outros não resistiram ao excesso de privações. Nos meses restantes o inverno foi muito suave – segundo concluem os pesquisadores Lindgrén e Neumann em seu artigo, e a linha aquática conseguiu exercer sua função protetora.

### Outra conclusão

Na mesma revista, entretanto dois, funcionários do Real Instituto Meteorológico Neerlandês, Aryen van Engelen e Huug van den Deel, contestam esta colocação dos pesquisadores estrangeiros. Os dois neerlandeses há muito vêm reunindo material com que reconstituir o clima dos Países Baixos no passado e os dados que possuem não indicam um inverno suave. A fonte mais direta é um livro em que, desde 1634, vêm sendo anotadas cifras sobre o número de passageiros e vo-

Travessia do Reno pelo exército francês junto da Casa de Portagem, em 1672 (Gravura de J. Dolivar; foto: Atlas van Stolk).

lume de carga transportados por via fluvial de Haarlem para Leiden ou Amsterdam.

Com base nestas informações pode-se ver precisamente quantos foram os dias de interrupção de viagens pelos canais gelados. No inverno de 1672-73 foram 35 dias, bem mais portanto que os costumeiros 25 dias; assim, aquele inverno definitivamente não pode ser qualificado de ameno. Foram dezesseis os dias de congelamento ocorridos na segunda quinzena de dezembro. Simultaneamente houve a invasão francesa. Os demais dias com vias aquáticas geladas foram registrados em fevereiro. Se os franceses tivessem querido, poderiam ter 19 dias gelados para marchar contra Amsterdam.

### Fracasso

Portanto não foi realmente um inverno suave mas sim o degelo repentino a causa da derrota francesa. Desde aquele momento, a possibilidade de vitória francesa em futuro próximo estava perdida; seria necessário um ano inteiro para que a França recobrasse o fôlego. Por outro lado o tempo nos anos seguintes lhe ofereceu poucas chances. Os invernos de 1674, 1675 e 1676 foram extremamente brandos; os canais se mantiveram navegáveis o ano todo, não colocando em perigo a eficácia da linha aquática defensiva.

Tudo teria sido diferente se a República das Províncias Unidas houvesse entrado em conflito com a França em 1671, isto é, um ano mais cedo. A análise dos meteorologistas do Instituto neerlandês (KNMI) evidencia que no inverno rigoroso de 1671-72 os canais estiveram ininterruptamente congelados entre 18 de dezembro e 7 de março. O cinturão aquático de Amsterdam teria sido inútil, deixando a cidade indefesa.

Com agradecimentos ao 'De Volkskrant'.